

PADRÃO DE FALA DAS CRIANÇAS ENTRE 05 E 06 ANOS DE UMA CIDADE DO OESTE DO PARANÁ

SOTORIVA, Letícia Eidt¹
PAULA, Giovana Romero²

RESUMO

Objetivos: Verificar o padrão de fala das crianças entre 05 e 06 anos de uma cidade do interior do Paraná; diferenciar as etiologias das manifestações de fala e identificar os possíveis processos fonológicos ainda operantes nessa faixa etária. **Material e Método:** Este estudo se constituiu em uma pesquisa de campo realizada com 230 indivíduos com idades entre 05 e 06 anos, matriculados em 09 escolas do município de Santa Helena – PR. Para a obtenção dos dados, foi utilizado o Protocolo de Avaliação Fonológica Infantil – PAFI que consiste na apresentação de 43 gravuras que a criança deve nomear a fim de ser realizado o registro fonético das palavras cujos resultados são analisados por meio de tabela específica. **Resultados:** De forma geral, o desempenho de fala das crianças deste estudo está de acordo com o referencial teórico, uma vez que ainda apresentam alguns processos fonológicos operantes; o diferencial evidenciado foi a parcela da amostra que apresentou características de fala que podem ser consideradas como manifestação de uma cultura linguística regional; o padrão fonético também registrado nessa pesquisa não foi significativo para constituir instrumento de análise. **Conclusão:** A linguagem oral é condição importante para a inserção da criança no meio familiar, escolar e social. Especificamente em relação ao padrão de fala, é importante que o mesmo esteja adequado para possibilitar uma melhor comunicação e, consequentemente, o desenvolvimento das demais habilidades. Promover e estimular a comunicação oral são condições importantes quando se tem como objetivo o pleno desenvolvimento da criança desde a mais tenra idade.

Palavras – chaves: Distúrbios da Fala. Linguagem Infantil. Desenvolvimento da Linguagem.

¹Acadêmica do Curso de Fonoaudiologia -Centro Universitário FAG–le_eidsot@hotmail.com

²Docente Orientadora do Curso de Fonoaudiologia - Centro Universitário FAG–fonoaudiologia@fag.edu.br

INTRODUÇÃO

Conforme Nogueira *et al.*(2000), a linguagem pode ser definida como um sistema convencional de símbolos arbitrários que são combinados de modo sistemático e orientados para armazenar e trocar informações, servindo de veículo para a comunicação, ou seja, constitui um instrumento social usado em interações visando à comunicação.

Chaer& Guimarães (2012) referem-se à linguagem oral como um dos aspectos essenciais de nossa vida, pois é por meio dela que nos comunicamos, construímos conhecimentos, estabelecemos nossos pensamentos e experiências, ingressamos no mundo. Assim sendo, ela expande nossas possibilidades de inserção e de participação nas diversas atividades sociais.

Para Bello & Machado (2015), a linguagem apresenta um caráter singular no desenvolvimento da criança, pois é uma das funções que apresenta uma evolução complexa em sua aquisição e desenvolvimento devido à interação de variáveis, tais como, maturidade neurológica, afetividade, desenvolvimento cognitivo, maturação correta dos órgãos periféricos da linguagem ou os contextos nos quais a criança está inserida, entre outros.

Em uma abordagem biológica, Castaño (2003), fala que o processo da linguagem é bastante complexo e envolve uma rede de neurônios distribuídos entre diferentes regiões cerebrais. Em contato com os sons do ambiente, a fala engloba múltiplos sons que ocorrem simultaneamente, em várias frequências e com rápidas transições entre estas. O ouvido tem a função de sintonizar este sinal auditivo complexo, decodificá-lo e transformá-lo em impulsos elétricos, os quais são conduzidos por células nervosas à área auditiva do córtex cerebral, no lobo temporal. O lobo, então, reprocessa os impulsos, transmite-os às áreas da linguagem e armazena a versão do sinal acústico por certo período de tempo.

Da mesma forma, Nogueira *et al.* (2000) considera que a linguagem é uma função cortical superior e seu desenvolvimento se sustenta, por um lado, a partir de uma estrutura anatomofuncional geneticamente determinada e, por outro, em um estímulo verbal que depende do ambiente.

Do ponto de vista social, a linguagem construída se dá pela interação entre criança e o seu meio e reflete o seu desenvolvimento cognitivo, estabelecendo atividades intelectuais que visam a sua adaptação ao ambiente de forma gradativa, possibilitando o aprender a realidade.

A linguagem permeia, assim, a interação com o ambiente e a construção do conhecimento (CARDOSO, 2015).

Também para Roncato & Lacerda (2005), a linguagem oral se amplia a partir das interações da criança e o ambiente que pode ser mais ou menos favorável ao seu contato com essa linguagem, podendo, assim, proporcionar oportunidades para o educando falar e compreender. Sob essa perspectiva, o ambiente escolar representa um diferencial em termos de estímulos ao desenvolvimento linguístico por proporcionar situações de aprendizado organizadas conforme uma metodologia definida, além da própria interação natural inerente ao ambiente escolar.

Zorzi (2008) considera que a escola contribui de forma importante para a aquisição e desenvolvimento da linguagem, pois propicia experiências sociais a partir de situações diversificadas de comunicação que são convertidas em aprendizagem. Com isso, a atuação fonoaudiológica nesse ambiente pode contribuir para um ajustamento entre as características dos indivíduos e a proposta das escolas, promovendo uma melhora na qualidade da comunicação e, conseqüentemente, das experiências.

Conforme Roncato & Lacerda (2005), a atuação do fonoaudiólogo no ambiente escolar, poderá colaborar para que o professor compreenda a importância das situações dialógicas para o desenvolvimento da linguagem oral e, dessa forma, crie condições de uso mais eficaz da linguagem.

As instituições de Educação Infantil constituem um local em que as crianças passam grande parte de seu tempo, portanto, representam um ambiente que influencia muito a formação do indivíduo, embora a maior parte dessa responsabilidade acabe recaindo sobre o educador. Por outro lado, dentro desse contexto há também a possibilidade de apoio multiprofissional, como é o caso da Fonoaudiologia Educacional/Escolar (ASPILICUETA *et al.*, 2009; CZLUSNIAK *et al.*, 2008).

Para refletir sobre o fazer do fonoaudiólogo na educação, deve-se ter em mente que um dos pontos historicamente fracos de nossa educação, desde as etapas mais iniciais, está ligado às grandes dificuldades encontradas para desenvolver habilidades comunicativas orais e, acima de tudo, em linguagem escrita. Sem dominar tais competências, dificilmente a população infantil chega a ter um bom desempenho acadêmico, o que tem acarretado enormes prejuízos em termos de inserção social e equilíbrio emocional. Cabe ressaltar que se trata

exatamente daquilo que se considera como objeto central da Fonoaudiologia: a promoção, de forma otimizada, do desenvolvimento da linguagem oral e escrita (QUEIROGA *et al.*, 2015).

Nesse sentido, a atuação fonoaudiológica em ambiente escolar deve priorizar a troca de conhecimentos entre os profissionais que atuam no local e oferecer auxílios para o aproveitamento do potencial infantil, gerando condições essenciais que propiciam, por sua vez, o desenvolvimento adequado da criança (OLIVEIRA & NATAL, 2011).

A linguagem é uma ampla habilidade constituída por sistemas que atuam de forma interdependente: o sistema pragmático se refere ao uso comunicativo da linguagem num contexto social e também está relacionado à intenção comunicativa; o fonológico envolve a percepção e a produção de sons para formar palavras; o semântico, que se refere ao significado das palavras e o gramatical, que compreende as regras sintáticas e morfológicas para combinar palavras em frases compreensíveis. Os sistemas fonológico e gramatical conferem à linguagem a sua forma. O sistema pragmático descreve o modo como a linguagem deve ser adaptada a situações sociais específicas, transmitindo emoções e enfatizando significados (SCHIRMER *et al.*, 2004).

Para Chevie-Muller & Narbona (2005), o sistema fonológico é o primeiro sistema de organização da linguagem o qual compreende o nível dos sons ou fonemas em palavras; é o sistema que corresponde à programação, escolha dos sons que entram na constituição das palavras e sua sequência adequada. Esta organização pode estar alterada durante o desenvolvimento cronológico da fala, mas se esta alteração persistir além do período normal de aquisição, que pode ser fixado por volta dos 05 anos, pode ser considerado patológico.

A aquisição do sistema fonológico de uma língua faz parte do processo de desenvolvimento da linguagem e envolve a percepção, a organização e a produção dos sons da fala. Quando a criança apresenta alterações em relação aos padrões convencionais, há um comprometimento da eficiência da comunicação e tem-se o risco para dificuldades em outras áreas do desenvolvimento. Para que se identifique uma alteração quanto ao desenvolvimento fonológico, é preciso conhecer a aquisição fonológica normal na língua. A análise do desenvolvimento fonológico pode ser realizada verificando-se o uso dos processos fonológicos. Tais processos ocorrem quando a criança produz a fala dos adultos de forma mais fácil para ela, provocando simplificações que afetam classes de sons e não sons específicos (PATAH & TAKIUCHI, 2008).

Dentre as alterações que podem ser encontradas na fala das crianças, pode-se destacar o Desvio Fonológico (DF) que é comumente observado e caracterizado por alterações na fala da criança, acarretando em uma produção inadequada dos fonemas, bem como o uso inadequado das regras fonológicas da língua. Esse transtorno linguístico é apresentado por crianças que demonstram alterações na produção da fala na ausência de determinados fatores etiológicos, como dificuldade geral de aprendizagem, déficit intelectual, desordem neuromotora, distúrbios psiquiátricos, problemas otológicos ou fatores ambientais (SPÍNDOLA *et al.*, 2007).

De acordo com Indrusiak & Rockenbach (2012), caracteriza-se Desvio Fonológico quando os processos fonológicos são usados de forma desviante, bem como quando ocorre o uso inadequado das regras fonológicas da língua. Regras fonológicas expressam os processos pelos quais a língua passa, de forma que as representações subjacentes se tornem representações fonéticas, enquanto processos fonológicos dizem respeito a simplificações das regras fonológicas que envolvem sequências de sons da fala.

Outra alteração observada é o Desvio Fonético considerado uma alteração na mecânica da produção articulatória, podendo ocorrer distorções como ceceo, interdentalizações, entre outros, e têm como principais causas as alterações de estruturas ósseas e/ou musculares envolvidas na articulação. Pode ocorrer, também, a co-ocorrência de alterações em ambos os níveis caracterizando o desvio fonético-fonológico (COSTA *et al.*, 2013).

Segundo Marchesan (2004), o desvio fonético é caracterizado por inadequação na articulação dos sons, envolvendo o componente motor. Está relacionado a problemas de posição e mobilidade da língua, lábios, bochechas, e mandíbula, assim como a presença e posição dos dentes.

Um desvio é puramente fonético quando sons individuais são articulados incorretamente, mas o sistema fonológico permanece intacto. Esse tipo de desvio normalmente tem uma causa orgânica identificável, isto é, uma base física ou mecânica (YAVAS *et al.*, 1991).

Além das condições de fala que podem ser classificadas sob a perspectiva biológica, há o contexto sociocultural que confere à comunicação particularidades linguísticas que não podem ser consideradas sob o ponto de vista da patologia.

Nesse sentido, entende-se que a variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de

qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que os constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala (BRASIL, 1998).

Silva *et al.* (2012) fala que, de modo geral, os estudos que exploram a linguagem infantil e os aspectos socioculturais apontam que a maioria das provas cognitivas e/ou de avaliação de linguagem são favoráveis aos grupos socioculturalmente dominantes e, com certa frequência, as diferenças são interpretadas como se refletissem condições de desenvolvimento inadequadas. Porém, pesquisas identificam variações linguísticas em população de classes sociais específicas. Tais variações podem ser atribuídas, em parte, a fatores sociais, como idade, sexo, classe social e escolaridade materna. Podem ainda estar correlacionada às variáveis linguísticas independentes, a exemplo de contexto fonológico, extensão do vocábulo, tonicidade, dentre outros.

A Linguagem Oral constitui um instrumento fundamental de comunicação entre as pessoas, sendo possível, por meio dela, estabelecer a convivência social, transmitir e receber conceitos, ideias e opiniões. Portanto, uma fala com adequada pronúncia das palavras se torna condição importante para o pleno desenvolvimento da criança, motivo pelo qual, se justifica a realização de pesquisas que têm por objetivo identificar os perfis comunicativos visando à implantação de medidas preventivas e de promoção a uma linguagem adequada.

Dessa forma, o presente estudo teve como objetivo descrever o padrão de fala de crianças na faixa etária dos 05 aos 06 anos de idade.

MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo caracterizou-se como pesquisa de campo, transversal e com abordagem quantitativa. O estudo foi realizado com 230 alunos na faixa etária entre 05 e 06 anos, de ambos os sexos, regularmente matriculados nas seguintes instituições do município de Santa Helena/PR: Escola Municipal Professora Inês Mocelin; Escola Municipal Marechal Deodoro da Fonseca; Escola Municipal Tancredo Neves; Escola Municipal Pedro Álvares Cabral;

Escola Municipal Tiradentes; Escola Municipal José Engel; Escola Municipal João Pessoa; Escola Municipal Anita Garibaldi e Escola Municipal Nereu Ramos.

Para a realização da referida pesquisa, o procedimento metodológico incluiu, inicialmente, o contato com a Secretária da Educação do Município com o intuito de explicar os objetivos e procedimentos a serem realizados. Após autorização, a acadêmica pesquisadora compareceu às instituições para conversar com a direção e equipe pedagógica, a fim de esclarecer o trabalho que seria realizado, bem como para entregar os TCLEs (Anexo 1). Cada professor ficou responsável por entregar os TCLEs aos pais dos seus alunos, os quais devolveram assinados à professora, que reencaminhou à acadêmica.

Dentre os critérios de inclusão, foram considerados participantes do projeto os alunos entre 05 e 06 anos devidamente matriculados na rede pública do município de Santa Helena – PR, os quais tiveram o consentimento dos responsáveis legais para participar como voluntários e que livremente aceitaram contribuir com essa pesquisa.

Os alunos foram avaliados individualmente pela acadêmica em sala destinada para esse fim nas próprias escolas, em horário normal de aula. O protocolo utilizado para a pesquisa foi o Protocolo de Avaliação Fonológica Infantil – PAFI (Anexo 2), que consiste na apresentação de 43 gravuras (Anexo 3) que a criança deve nomear de forma espontânea. O tempo médio de aplicação do protocolo foi de 10 minutos por aluno e, posteriormente, por meio da análise dos áudios, foi realizada a transcrição fonética da fala em folha específica do protocolo a fim de se identificar e classificar as características fonológicas apresentadas. Além disso, foi realizado o registro das possíveis manifestações de alteração fonética que foram observadas pela acadêmica no momento da aplicação do protocolo e confirmadas através da análise dos áudios.

O presente estudo foi Aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa do Centro Universitário FAG conforme número do CAE 67979317.5.0000.5219.

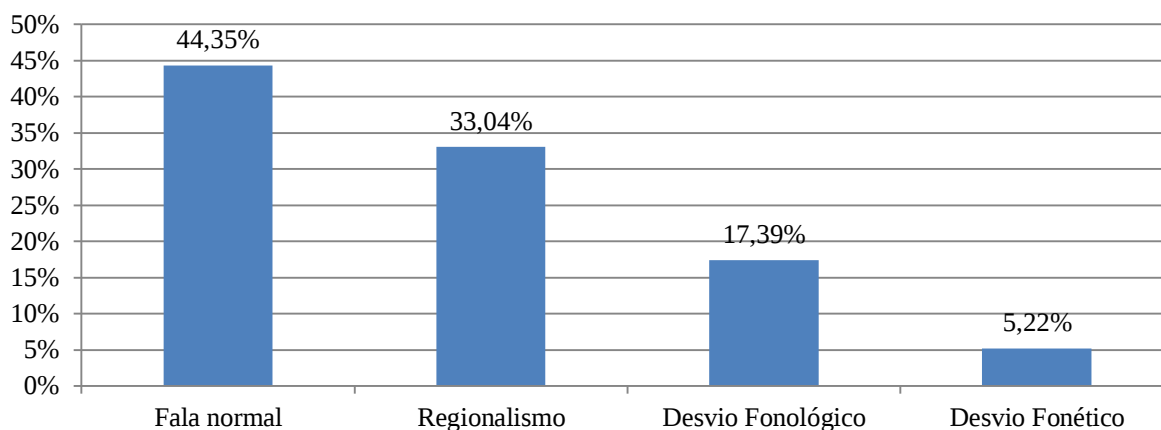
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentamos os Resultados obtidos e a consequente discussão embasada nos referenciais teóricos utilizados.

Observa-se a caracterização da amostra em relação às manifestações de fala onde se observa que o maior percentual é de fala sem alterações (44,35%), seguido de fala com

características de regionalismo (33,04%); na sequência observam-se as manifestações classificadas como Desvio Fonológico (17,39%) e, finalmente, uma pequena parcela da amostra (5,22%) que apresentou fala com características de alterações fonéticas (Figura 1).

Figura 1 – Caracterização Inicial da Amostra Total (n = 230)



Fonte: Autoras (2017)

Uma prévia análise dos resultados evidenciados nesse gráfico demonstra que a característica de fala que aparece com mais frequência - após a fala considerada como adequada conforme os padrões convencionais - é o Regionalismo, caracterizando 33,04% da amostra. Antunes (2003) afirma que existem situações sociais diferentes; logo, deve haver também padrões de uso da língua diferente. A variação, assim, aparece como algo inevitavelmente normal. Ou seja, existem variações linguísticas porque as línguas são fatos sociais, situados num tempo e num espaço concretos, com funções definidas. E, como tais, são condicionados por esses fatores.

No entanto, a performance de fala das crianças deste estudo, no âmbito da Fonologia, gera discussões sobre o que prevê a literatura, uma vez que há divergência entre os estudos científicos quanto à idade cronológica em que a fala deve estar estabilizada. De acordo com Hernandorena (1990) e Ferrante *et al.* (2008), com aproximadamente quatro ou cinco anos, as crianças já adquirem os contrastes do sistema fonêmico adulto e a fase de aquisição das regras fonológicas termina por volta dos seis anos, com a aquisição dos últimos sons. Sob essa perspectiva, o percentual de crianças que ainda manifesta processos fonológicos (17,39%) caracteriza um desempenho que corrobora com a literatura.

No estudo realizado por Patah & Takiuchi (2008) com o objetivo de verificar a prevalência das alterações fonológicas e uso dos processos fonológicos em escolares aos 7

anos, indicou 8,27% de crianças que ainda apresentam processos fonológicos operantes, dos quais os mais relevantes foram a Redução do Encontro Consonantal (60,67%) seguido da Simplificação de Líquidas (47,19%). Outro estudo realizado por Shriberg *et al.* (1999), *apud* Goulart & Chiari (2007) a fim de constatar prevalência de atraso de fala em crianças de 6 anos de idade nos Estados Unidos, verificou a incidência de 3,8% de crianças que ainda possuem alterações fonológicas. Esses resultados podem ser considerados afins quando comparados com o da presente pesquisa no sentido da manutenção de processos fonológicos nas idades consideradas, porém, discorda quanto ao percentual de manifestação, uma vez que neste, o número de crianças que ainda manifesta dificuldades na fala, é superior ao daqueles.

Em estudo comparativo com o de Cigana *et al.* (1995), pode-se dizer que as crianças da presente pesquisa apresentaram melhor desempenho do que o das crianças analisadas no estudo citado, cuja incidência de manifestação do DF foi de 27,7%. Igualmente, pode-se dizer do estudo de Silva *et al.* (2003) que constatou que a prevalência de DF em crianças com idade de 4:4 a 6:7 no município de Camaragibe – PE foi de 34,16%. Consoante também com a pesquisa realizada por Indrusiak & Rockenbach (2011), com escolares entre 4 e 6 anos, que verificou uma incidência de 55% de DF.

Na mesma perspectiva, pode-se dizer que os resultados dessa pesquisa estão adequados se comparados com o estudo realizado por Goulart & Ferreira (2002), os quais verificaram que a incidência de desordem da fala para a população estudada foi de 25%. Para os autores, a prevalência de distúrbios articulatorios de fala em crianças, quer sejam de origem fonética, fonológica ou mista, parece ser maior do que as estimativas atuais.

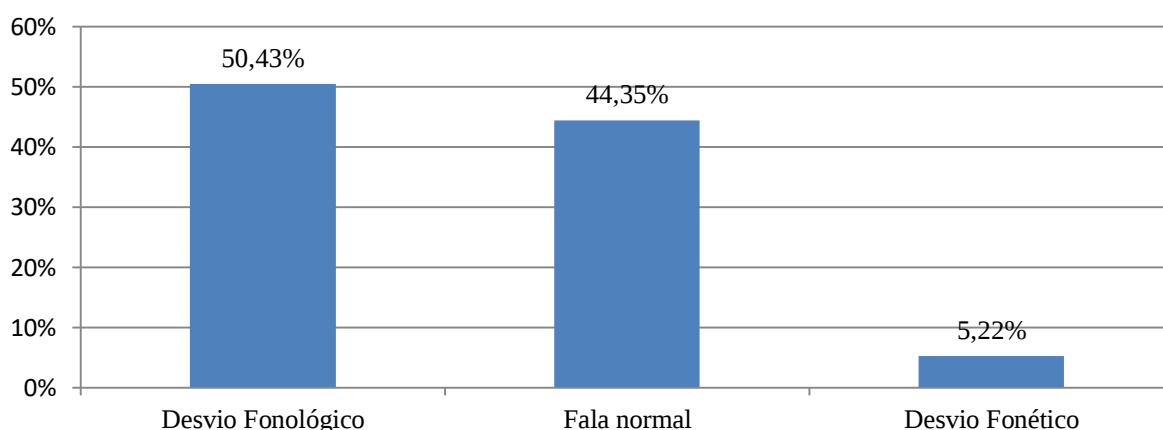
Em relação especificamente aos Desvios Fonéticos, a prevalência de alterações de fala verificada nesse nível, foi de 5,22%, sendo que as mais prevalentes no presente estudo foram o /r/ retroflexo e o ceceo anterior. Nesse sentido, o desempenho dos alunos está de acordo com Marchesan (2004), a qual refere que os desvios fonéticos mais frequentes ocorrem nos fonemas sibilantes /s/, /z/, que são os mais afetados por modificações oclusais. Já em relação ao /r/ retroflexo, um estudo realizado por Mendes & Oushiro (2011), com o objetivo de reportar resultados de análises quantitativas de (-r) de forma mais representativa do português paulistano, composta por 102 entrevistas sociolinguísticas, constatou a presença do /r/ retroflexo em 13,9% da amostra, verificando que a variante retroflexa ocorreu principalmente em falantes do sexo masculino e menos escolarizados. Esses resultados que se remetem a uma

percepção recorrente de que o /r/ retroflexo é, em princípio, uma forma desprestigiada na comunidade.

Em certa medida, é quase impossível dizer com exatidão quantas pessoas têm distúrbios de comunicação específicos. As pesquisas realizadas por estudiosos da área utilizaram diversas definições de distúrbios, em populações-alvo diferentes, o que acarreta em interpretações específicas de resultados, gerando divergências na literatura (RIPER & EMERICK, 1997).

Ilustrou-se outra possibilidade de interpretação dos dados obtidos, ao considerar que as manifestações de fala, inicialmente de origem cultural, também possam ser interpretadas como manifestação de um Desvio Fonológico caracterizado pelo processo de Substituição de Líquidas (Figura 2).

Figura 2 – Análise Secundária de Caracterização da Amostra



Fonte: Autoras (2017)

Sob essa perspectiva, ao se considerar as manifestações culturais/regionais como possibilidade de um Desvio Fonológico, os resultados indicam que a metade das crianças da amostra (50,43%) apresenta algum grau de dificuldade mostrando que o grupo pode ser considerado discordante da literatura no que se refere ao padrão convencional de fala, uma vez que foi alta a incidência de manifestação e, considerando-se a idade limite desse estudo, as crianças já deveriam ter um padrão de fala praticamente sem alterações fonológicas.

Ao se analisar as características desviantes de fala, observa-se que o aumento nessa incidência foi devido ao número de crianças que apresentaram substituição da líquida /R/ pela líquida /r/. Esse processo de Substituição de Líquidas é bastante comum quando manifestado, principalmente, pela substituição da líquida /r/ pela líquida /l/. No caso da presente pesquisa, a

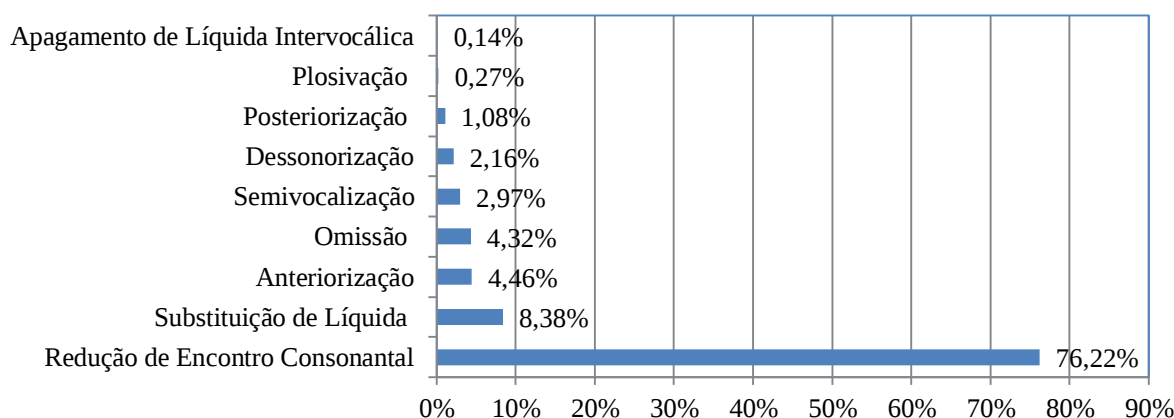
manifestação evidenciada não é comum embora possa ser considerada como um processo fonológico. Assim, o que teoricamente poderia ser considerado como característica étnico/cultural de fala, também poderia ser classificado como Desvio Fonológico.

Os achados da presente pesquisa corroboram com o estudo realizado por Cardoso-Martins & Vitor (2007), realizado com 95 crianças na idade de 4:9 a 6:9, no qual 63,2% apresentou processos fonológicos ainda operantes; dessas 30,5% apresentaram o processo de Substituição de Líquida e 25,3% apresentaram Redução do Encontro Consonantal.

Esse resultado pode ser considerado afim com a literatura, quando se analisa o processo, mas não a incidência de manifestação, ou seja, é consoante em relação aos processos fonológicos envolvendo as consoantes líquidas, os quais, segundo os estudos, são os últimos a serem superados na cronologia do desenvolvimento da aquisição da linguagem oral (CAVALHEIRO, 2008; NUNES *et al.*, 2010). Segundo Rockenbach (2005) e Ferrante *et al.* (2008) a estabilização da produção do fonema /r/ pode se estender até os sete anos, expandindo o limite de aquisição normal do sistema fonológico.

Observa-se o percentual de manifestação dos processos fonológicos onde se pode observar que a maior incidência foi no processo de Redução de Encontro Consonantal (76,22%) seguido pela Substituição de Líquida (8,38%); na sequência encontra-se a Anteriorização (4,46%); logo após verificou-se a Omissão (4,32%) seguida pela Semivocalização (2,97%), Dessonorização (2,16%), Posteriorização (1,08%) e, finalmente, os processos de Plosivação (0,27%) e Apagamento de Líquida Intervocálica (0,14%) que foram manifestadas de forma pouco significativa (Figura 3).

Figura 3 – Manifestação percentual dos Processos Fonológicos



Fonte: Autoras (2017)

Conforme observado, o percentual de crianças que apresentou fala com características de alterações fonológicas manifestou essa dificuldade principalmente no processo de Redução de Encontro Consonantal (76,22%). Conforme os referenciais teóricos, é o processo fonológico de maior manifestação e um dos últimos a serem eliminados e, sob essa perspectiva, talvez não seja adequado considerar que a fala das crianças deste estudo esteja aquém do esperado. O que corrobora com o estudo realizado por Indrusiak & Rockenbach (2011), com escolares entre 4 e 6 anos, caracterizado pelos seguintes processos fonológicos: Redução de Encontro Consonantal, com prevalência de 46,7% (28 crianças), Apagamento da Líquida Final 40% (24 crianças) e Substituição de Líquida 30% (18 crianças).

Entretanto, a idade considerada limite para superação desse processo, varia de 4 anos segundo Wertzner *et al.* (2001) a 5 anos de acordo com Yavas (1988). Se forem consideradas essas referências, então, pode-se dizer que as crianças do presente estudo estariam apresentando um atraso na eliminação deste processo. Porém, outro estudo realizado por Wertzner (1995), com crianças de três a sete anos, refere a crianças que eliminam este processo aos 7 anos, o que corrobora com os dados aqui obtidos.

É possível, no entanto, que várias das crianças que apresentaram um ou outro processo fonológico não possam ser diagnosticadas com distúrbio de fala. De acordo com Lamprecht (2004), para afirmar que uma criança já adquiriu um determinado segmento ou estrutura silábica, não é necessário que 100% da sua produção seja correta. Segundo a autora, produções inadequadas podem representar resquícios de etapas já superadas ou, até mesmo, simples lapsos de fala, não se caracterizando, necessariamente, como um distúrbio fonológico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da referida pesquisa mostraram que 33,04% da amostra apresentaram fala com características regionais, 17,39% apresentam manifestações classificadas como Desvio Fonológico e, 5,22% apresentaram fala com características de alterações fonéticas.

Foi possível verificar divergências na literatura quanto à idade cronológica que as alterações na fala devem ser superadas, assim como a falta de estudos que mostrem o percentual esperado de alterações para cada idade, o que gerou dificuldades para realizar a análise da presente pesquisa; o que mais se evidencia na literatura são pesquisas como esta,

que verificam padrões de fala em crianças de determinados grupos e idades, o que acaba limitando a eficácia da comparação entre eles.

Da mesma forma, ainda não há um consenso técnico-científico sobre a classificação de algumas características de fala apresentadas pelas crianças; principalmente no ambiente escolar, é comum atribuir ao Regionalismo o padrão de fala observado no público infantil, não considerando o mesmo como possibilidade de uma alteração fonológica. Nesse sentido, considera-se a primazia dos aspectos social e étnico da língua, em detrimento de possíveis comprometimentos no nível biológico do desenvolvimento.

É importante que não se atribua uma classificação de Desvio Fonológico em todas as situações em que as características de fala sugerem uma análise sob o ponto de vista da alteração ou do desvio da norma culta, pois as crianças podem apresentar dificuldades de fala em algumas palavras como consequência do próprio desenvolvimento perceptual e linguístico acerca das características fonológicas da comunicação oral.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. 181p.

ASPILICUETA, P.; OLIVEIRA, J.P.; ZABOROSKI, A.P. Estágio em Fonoaudiologia Educacional: conhecendo e intervindo na realidade escolar. In: PIETROBON, S.R.G. **Estágio Supervisionado Curricular na Graduação: experiências e perspectivas**. Curitiba: CRV Editora, p.85-96, 2009.

BELLO, S.F.; MACHADO, A.C. **Investigação precoce e o Desenvolvimento da Linguagem em crianças pequenas**. São Paulo: Book Toy, 2015. 150p.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARDOSO, M.C. **Fonoaudiologia na Infância: Avaliação e Terapia**. 1ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2015. 267p.

CARDOSO-MARTINS, C.; VITOR, R.M. Desenvolvimento fonológico de crianças pré-escolares da Região Noroeste de Belo Horizonte. **Psicologia em Revista**, v.13, n.2, p.383-398, 2007.

CASTAÑO, J. Bases neurobiológicas del lenguaje y sus alteraciones. **Revista Neurológica**, v.36, n.8, p.781-5, 2003.

CAVALHEIRO B.G. Prevalência de desvio fonológico em crianças de 4 a 6 anos de Escolas Municipais de Salvador- BA. **Revista Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**. v.13, n.4, 2008.

CHAER, M.R.; GUIMARÃES, E. G.A.A importância da oralidade: educação infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental. **Unipam**, v. 3, p. 71-88, 2012.

CHEVRIE-MULLER, C.; NARBONA, J. **A linguagem da criança: aspectos normais e patológicos**. 2ed. Artmed, 2005. 544p.

CIGANA, L.B.; CHIARI, B., MOTTA, H.B.; CECHELLA, C. Perfil do desenvolvimento fonológico de crianças de creches da Rede Municipal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, na faixa etária de 4, 0 a 6, 2 anos. **Pró-fono Revista de Atualização Científica**, v.7, n.2, p.15-20, 1995.

COSTA, P.P.; MEZZOMO, C.L.; SOARES, M.K. Verificação da eficiência da abordagem terapêutica miofuncional em casos de desvio fonológico, fonético e fonético-fonológico. **Revista CEFAC**, v.15, n.6, p.1703-11, 2013.

CZLUSNIAK, G.; CARVALHO, F.C.; OLIVEIRA, J.P. Alterações de motricidade orofacial e presença de hábitos nocivos orais em crianças de 5 a 7 anos de idade: implicações para intervenções fonoaudiológicas em âmbito escolar. **UEPG. Ciências Biológicas e da Saúde**, v.14, n.1, p.29-39, 2008.

FERRANTE C.; BORSEL J.V.; PEREIRA M.M.B. Aquisição fonológica em crianças de classe econômica alta. **Revista CEFAC**. v.10, n.4, p.452-60. 2008.

GOULART, B.N.G.; CHIARI, B.M. Prevalência de distúrbios de fala em escolares e fatores associados. **Revista de Saúde Pública**, v.41, n.5, p.726-731, 2007.

GOULART, B.N.G; FERREIRA, J. Teste de rastreamento de distúrbios articulatorios de fala em crianças de 1ª série do ensino fundamental público. Dissertação (Mestrado em Epidemiologia). **Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 2002.

HERNANDORENA C.L.B.M. Aquisição da fonologia do português: estabelecimento de padrões com base em traços distintivos. [Tese]. **Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre –RS. 1990.

INDRUSIAK, C.S.; ROCKENBACH, S.P. Prevalência de desvio fonológico em crianças de 4 a 6 anos de escolas municipais de educação infantil de Canoas RS. **Revista CEFAC**, v.14, n.5, 2012.

LAMPRECHT, R.R. **Antes de mais nada**. In: LAMPRECHT, R. R. Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia. Porto Alegre: Artmed. 2004. p. 17-32.

MARCHESAN, I.Q. Alterações de fala de origem musculoesquelética. In: FERREIRA, L. P.; BEFI-LOPES, D. M.; LIMONGI, S. C. **Tratado de fonoaudiologia**. São Paulo: Roca, 2004. p.292-303.

MENDES, R.B.; OUSHIRO, L. A pronúncia de (-r) em coda silábica no português paulistano. **Revista do GEL**, v.8, n.2, p.66-95, 2011.

NOGUEIRA, S.; FERNÁNDEZ, B.; PORFÍRIO, H.; BORGES, L. A criança com atraso na linguagem. **Saúde Infantil**, v. 22, n. 1, p. 5-16, 2000.

NUNES D.A.; PAYÃO L.M.C.; COSTA P.C.C. Desvio fonológico na Educação Infantil. **Revista CEFAC**. v.12, n.2, p.331-336. 2010.

OLIVEIRA, J.P.; NATAL, R.P. A linguagem escrita na perspectiva de educadores: subsídios para propostas de assessoria fonoaudiológica escolar. **Revista CEFAC**. v.14, n.6, p.1036-1046, 2011.

PATAH, L.K; TAKIUCHI, N. Prevalência das alterações fonológicas e uso dos processos fonológicos em escolares aos 7 anos. **Revista CEFAC**, v.10, n.2, 2008.

QUEIROGA, B.A.M.; ZORZI, J.L.; GARCIA, V. **Fonoaudiologia Educacional: reflexões e relatos de experiências**. Brasília: Editora Kiron, 2015. 218p.

RIPER, C.V; EMERICK, L. **Correção da Linguagem: uma introdução à patologia da fala e à audiolgia**. Porto Alegre: ArtMed, 1997. 445p.

ROCKENBACH, S.P. Prevalência de distúrbios de fala em crianças da primeira série das escolas municipais do município de Esteio. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Ciências Médicas) **UFRS**. Porto Alegre, 2005.

RONCATO, C.C; LACERDA, C.B.F. Possibilidades de desenvolvimento de linguagem no espaço da Educação Infantil. **Revista Distúrbios da Comunicação**. v.15, n.2, p.215-223, São Paulo, 2005.

SCHIRMER, C.R.; FONTOURA, D.R.; NUNES, M.L. Distúrbios da aquisição da linguagem e da aprendizagem. **Jornal de pediatria**. v.80, n.2, p.95-103, 2004.

SILVA, E.I.; LIMA, E. M.; SILVEIRA, P. C. M. Ocorrência de desvios fonológicos em crianças de escolas públicas do município de Camaragibe. **Fono Atual**, v. 6, n. 25, p. 4-12, 2003.

SILVA, M.K.; FERRANTE, C.; BORSEL, J.V.; PEREIRA, M.M.B. Aquisição fonológica do Português Brasileiro em crianças do Rio de Janeiro. **Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, v.24, n.3, p.248-254, 2012.

SPÍNDOLA, R.A.; PAYÃO, L.M.C.; BANDINI, H.H.M. Abordagem fonoaudiológica em desvios fonológicos fundamentada na hierarquia dos traços distintivos e na consciência fonológica. **Revista CEFAC**, v.9, n.2, p.180-189, 2007.

WERTZNER, H.F. Estudo da aquisição do sistema fonológico: uso de processos fonológicos em crianças de três a sete anos. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**. v.1, n.1, p. 21-26, 1995.

WERTZNER, H.F.; GALEA, D.E.S.; ALMEIDA, R.C. Uso do processo fonológico de simplificação de velar em crianças de 2;1 a 3;0 anos de idade. **Jornal Brasileiro Fonoaudiologia**. v.2, n.8, p.233-88. 2001.

YAVAS, M. Padrões de aquisição da fonologia do português. **Letras Hoje**. v.23, p.7-30. 1988.

YAVAS, M.; HERNANDORENA, C.L.M.; LAMPRECHT, R.R. **Avaliação fonológica da criança: Reeducação e terapia.** Porto Alegre: ArtMed, 1991. 150p.

ZORZI, J.L. **A intervenção fonoaudiológica nas alterações da linguagem.** 2ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2008. 154p.

ANEXOS

Anexo 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Seu (sua) filho (a) está sendo convidada (o) a participar da pesquisa intitulada: Padrão de Fala das crianças entre 05 e 06 anos do Município de Santa Helena - PR, em virtude de realização do Trabalho de Conclusão de Curso de Fonoaudiologia da acadêmica Letícia Eidt Sotoriva coordenado pela Professora Giovana Romero Paula.

A participação do seu (sua) filho (a) não é obrigatória sendo que, a qualquer momento da pesquisa, você poderá desistir e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo para sua relação com o pesquisador, com o Centro Universitário FAG ou com a escola que seu (sua) filho (a) está matriculado.

O objetivo desta pesquisa é o de verificar o perfil de fala das crianças entre 05 e 06 anos do Município de Santa Helena - PR. Caso você decida autorizar, seu (sua) filho (a) será submetido (a) aos seguintes procedimentos: ele (a) será entrevistado (a) pela acadêmica pesquisadora que aplicará o protocolo padronizado – PAFI, de forma individual, em uma sala na própria escola e em horário de aula. Neste teste, ele (a) somente precisará falar o nome de 43 figuras apresentadas em uma folha para, posteriormente, sua fala ser avaliada. O tempo previsto para a participação é de aproximadamente 10 minutos. Seu (sua) filho (a) será acompanhado (a) pela acadêmica pesquisadora durante todo o tempo da avaliação.

Os riscos relacionados com a participação do seu (sua) filho (a) podem ser considerados inexistentes, mas poderá acontecer de ele (a) sentir-se cansado (a), desmotivado (a), irritado (a) ou não querer mais participar da avaliação. Caso isso aconteça, a acadêmica pesquisadora interromperá a coleta de dados e levará seu (sua) filho (a) para a sala de aula.

Os benefícios relacionados com a participação do seu (sua) filho (a) poderão ser contribuir para o entendimento das características da fala infantil bem como das alterações que podem estar presentes visando o esclarecimento aos pais e professores, de forma a possibilitar a adequada estimulação e promoção do correto padrão articulatório.

Os resultados desta pesquisa poderão ser apresentados em seminários, congressos e similares, entretanto, os dados/informações obtidos por meio da participação do seu (sua) filho (a) serão confidenciais e sigilosos, não possibilitando sua identificação. A participação do seu (sua) filho (a) bem como a de todas as partes envolvidas será voluntária, não havendo remuneração para tal.

Não está previsto indenização por sua participação, mas em qualquer momento se você sofrer algum dano, comprovadamente decorrente desta pesquisa, terá direito à indenização. Você receberá uma cópia deste termo onde constam o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sobre sua participação agora ou em qualquer momento.

Coordenadora do Projeto: Giovana Romero Paula

Avenida das Torres, 500 - Fone: 3321-3948

Declaro que entendi os objetivos, a forma da participação do meu (minha) filho (a), riscos e benefícios da mesma e aceito o convite para participar. Autorizo a publicação dos resultados da pesquisa, a qual garante o anonimato e o sigilo referente à participação do meu (minha) filho (a).

Nome do sujeito da pesquisa: _____

Assinatura do sujeito da pesquisa: _____

Informações – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade Assis Gurgacz

Avenida das Torres 500– Bloco 4– Bairro FAG

Cascavel-Paraná CEP: 85806-095 - Tel.: (45)33213791

Coordenadora: Profª. ThayseDalmolinAlérico- Tel. 3321 3953

Email: comitedeetica@fag.edu.br

Anexo 2 – TABELA DE REGISTRO DO PROTOCOLO DA AVALIAÇÃO FONOLÓGICA INFANTIL – PAFI

Processos Fonológicos Protocolo de Avaliação Fonológica Infantil – PAFI

Nome: _____ Nascimento: ____/____/____ Idade: ____:____
Data da Avaliação: ____/____/____ Hora Início: _____ Hora término: _____

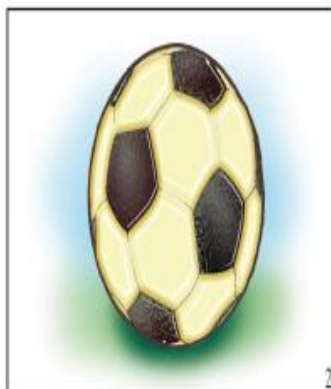
Nº	Palavra	Transcrição	Realização	Observações	Pos. I.	Fone	Aquis.	Processos	Pos. I.	Fone	Aquis.	Processos
1	Pena	[ˈpɛna]			OI	/n/	1;6	() Sonorização () Posteriorização () Omissão () Outro: _____ () Adquirido	OM	/n/	1;6	() Apagamento () Plosivização () Posteriorização () Omissão () Outro: _____ () Adquirido
2	Bola	[ˈbɔla]			OI	/b/	1;6	() Desonorização () Posteriorização () Omissão () Outro: _____ () Adquirido	OM	/b/	3;00	() Apagamento de líquida intervocálica () Subs. de líquida () Plosivização () Omissão () Semivocalização () Adquirido () Outro: _____
3	Tela	[ˈtɛra]			OI	/v/	1;6	() Sonorização () Posteriorização () Omissão () Outro: _____ () Adquirido				() Outro: _____ () Adquirido
4	Dado	[ˈdadu]			OI	/d/	1;6	() Desonorização () Posteriorização () Omissão () Outro: _____ () Adquirido	OM	/d/	1;6	() Desonorização () Posteriorização () Omissão () Outro: _____ () Adquirido
5	Carro	[ˈkaɾu]			OI	/r/	1;7	() Sonorização () Anteriorização () Omissão () Outro: _____ () Adquirido	OM	/r/	3;4	() Apagamento de líquida intervocálica () Subs. de líquida () Plosivização () Semivocalização () Omissão () Outro: _____ () Adquirido
6	Gato	[ˈgatu]			OI	/t/	1;8	() Desonorização () Anteriorização () Omissão () Outro: _____ () Adquirido	OM	/t/	1;6	() Sonorização () Posteriorização () Omissão () Outro: _____ () Adquirido
7	Felão	[ˈfɛlɔw]			OI	/w/	1;9	() Plosivização () Posteriorização () Omissão () Outro: _____ () Adquirido	OM	/s/	3;6	() Desonorização () Anteriorização () Plosivização () Omissão () Outro: _____ () Adquirido
8	Vaca	[ˈvaka]			OI	/k/	1;8	() Desonorização () Plosivização () Posteriorização () Omissão () Outro: _____ () Adquirido	OM	/k/	1;6	() Sonorização () Anteriorização () Omissão () Outro: _____ () Adquirido
9	Sapo	[ˈsapu]			OI	/s/	2;6	() Plosivização () Posteriorização () Omissão () Outro: _____ () Adquirido	OM	/s/	1;6	() Sonorização () Posteriorização () Omissão () Outro: _____ () Adquirido
10	Zebra	[ˈzɛbra]			OI	/z/	2;0	() Desonorização () Plosivização () Posteriorização () Omissão () Outro: _____ () Adquirido				() Outro: _____ () Adquirido
11	Chave	[ˈtʃave]			OI	/ʃ/	2;10	() Anteriorização () Plosivização () Omissão () Outro: _____ () Adquirido	OM	/n/	1;8	() Desonorização () Plosivização () Posteriorização () Omissão () Outro: _____ () Adquirido
12	Jarra	[ˈʒaɾa]			OI	/ʒ/	2;6	() Desonorização () Anteriorização () Plosivização () Omissão () Outro: _____ () Adquirido				() Outro: _____ () Adquirido
13	Mela	[ˈmɛla]			OI	/m/	1;6	() Apagamento () Plosivização () Posteriorização () Omissão () Outro: _____ () Adquirido				() Posteriorização () Omissão () Outro: _____ () Adquirido
14	Ninho	[ˈniɲu]			OI	/ɲ/	1;6	() Apagamento () Plosivização () Posteriorização () Omissão () Outro: _____ () Adquirido	OM	/n/	1;6	() Anteriorização () Omissão () Outro: _____ () Adquirido
15	Limão	[ˈlimɔw]			OI	/w/	2;8	() Apagamento de líquida inicial () Subs. de líquida () Semivocalização () Omissão () Outro: _____ () Adquirido	OM	/m/	1;6	() Apagamento () Plosivização () Posteriorização () Omissão () Outro: _____ () Adquirido
16	Rabo	[ˈxabu]			OI	/b/	3;4	() Apagamento de líquida inicial () Subs. de líquida () Semivocalização () Plosivização () Omissão () Outro: _____ () Adquirido	OM	/b/	1;6	() Desonorização () Posteriorização () Omissão () Outro: _____ () Adquirido
17	Fogo	[ˈfoɣu]			OM	/g/	1;8	() Desonorização () Anteriorização () Omissão () Outro: _____ () Adquirido				() Outro: _____ () Adquirido
18	Café	[ˈkafɛ]			OM	/f/	1;9	() Plosivização () Posteriorização () Omissão () Outro: _____ () Adquirido				() Outro: _____ () Adquirido
19	Oso	[ˈosu]			OM	/s/	2;6	() Plosivização () Posteriorização () Omissão () Outro: _____ () Adquirido				() Outro: _____ () Adquirido
20	Asa	[ˈasa]			OM	/z/	2;0	() Anteriorização () Desonorização () Plosivização () Omissão () Outro: _____ () Adquirido				() Outro: _____ () Adquirido
21	Lho	[ˈlɐu]			OM	/ʃ/	2;10	() Anteriorização () Plosivização () Omissão () Outro: _____ () Adquirido				() Outro: _____ () Adquirido
22	Olho	[ˈoɾu]			OM	/w/	4;0	() Apagamento de líquida intervocálica () Substituição de líquida () Semivocalização () Omissão () Outro: _____ () Adquirido				() Semivocalização () Omissão () Outro: _____ () Adquirido
23	Hora	[ˈɔɾa]			OM	/r/	4;2	() Apagamento de líquida intervocálica () Substituição de líquida () Semivocalização () Omissão () Outro: _____ () Adquirido				() Semivocalização () Omissão () Outro: _____ () Adquirido
24	Prato	[ˈpɾatu]			OC	/n/	5;0	() REC () Omissão () Outro: _____ () Adquirido				() Outro: _____ () Adquirido
25	Placa	[ˈplaka]			OC	/n/	5;0	() REC () Omissão () Outro: _____ () Adquirido				() Outro: _____ () Adquirido
26	Bruxa	[ˈbruʃa]			OC	/n/	5;0	() REC () Omissão () Outro: _____ () Adquirido				() Outro: _____ () Adquirido
27	Blusa	[ˈbluʒa]			OC	/n/	5;0	() REC () Omissão () Outro: _____ () Adquirido				() Outro: _____ () Adquirido
28	Trem	[ˈtɾɛm]			OC	/n/	5;0	() REC () Omissão () Outro: _____ () Adquirido				() Outro: _____ () Adquirido
29	Dragão	[ˈdɾaɣɔw]			OC	/n/	5;0	() REC () Omissão () Outro: _____ () Adquirido				() Outro: _____ () Adquirido
30	Cruz	[ˈkɾus]			OC	/n/	5;0	() REC () Omissão () Outro: _____ () Adquirido				() Outro: _____ () Adquirido
31	Olhos	[ˈɔɫɔs]			OC	/n/	5;0	() REC () Omissão () Outro: _____ () Adquirido				() Outro: _____ () Adquirido
32	Gramma	[ˈɡɾama]			OC	/n/	5;0	() REC () Omissão () Outro: _____ () Adquirido				() Outro: _____ () Adquirido
33	Globo	[ˈɡɫobu]			OC	/n/	5;0	() REC () Omissão () Outro: _____ () Adquirido				() Outro: _____ () Adquirido
34	Fruta	[ˈfɾuta]			OC	/n/	5;0	() REC () Omissão () Outro: _____ () Adquirido				() Outro: _____ () Adquirido
35	Ror	[ˈɾoɾ]			OC	/n/	5;0	() REC () Omissão () Outro: _____ () Adquirido				() Outro: _____ () Adquirido
36	Quatro	[ˈkwatu]			OC	/n/	5;0	() REC () Omissão () Outro: _____ () Adquirido				() Outro: _____ () Adquirido
37	Quadro	[ˈkwadɾu]			OC	/n/	5;0	() REC () Omissão () Outro: _____ () Adquirido				() Outro: _____ () Adquirido
38	Tigre	[ˈtɪɡɾi]			OC	/n/	5;0	() REC () Omissão () Outro: _____ () Adquirido				() Outro: _____ () Adquirido
39	Cofre	[ˈkɔfɾɛ]			OC	/n/	5;0	() REC () Omissão () Outro: _____ () Adquirido				() Outro: _____ () Adquirido
40	Uvro	[ˈuɪvu]			OC	/n/	5;0	() REC () Omissão () Outro: _____ () Adquirido				() Outro: _____ () Adquirido
41	Garfo	[ˈɡaɾu]			OM	/f/	3;10	() Apagamento de líquida final () Substituição de líquida () Omissão () Outro: _____ () Adquirido				() Outro: _____ () Adquirido
42	Pasta	[ˈpasta]			OM	/f/	3;00	() Apagamento de líquida final () Substituição de líquida () Omissão () Outro: _____ () Adquirido				() Outro: _____ () Adquirido
43	Ror	[ˈɾoɾ]			CF	/f/	5;00	() Substituição de líquida () Apag. de líquida final () Omissão () Outro: _____ () Adquirido				() Outro: _____ () Adquirido
44	Lápis	[ˈlapɪs]			CF	/f/	2;6	() Apagamento de líquida final () Substituição de líquida () Omissão () Outro: _____ () Adquirido				() Outro: _____ () Adquirido

OI = onset inicial OM = Onset medial OC = Onset complex inicial OCM = Onset complex medial OM = Coda medial CF = Coda Final

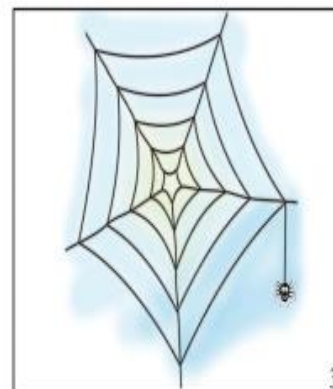
Anexo 3 – GRAVURAS QUE COMPÕEM O PAFI



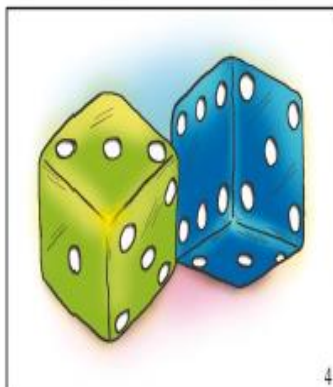
1. Pena



2. Bola



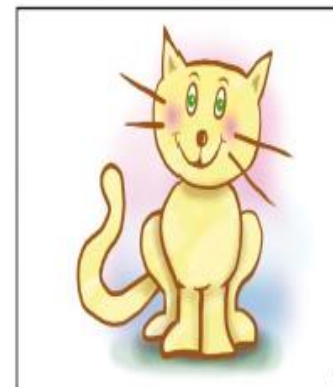
3. Teia



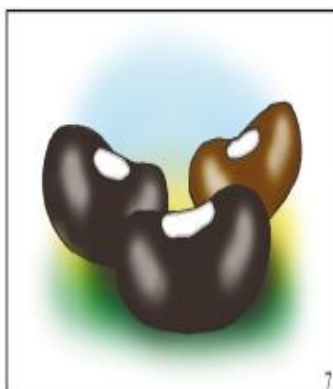
4. Dado



5. Carro



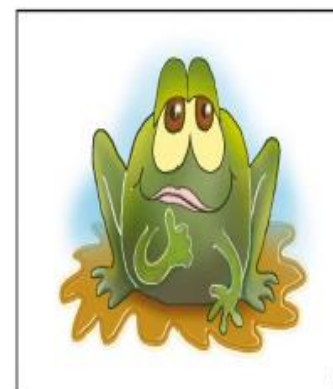
6. Gato



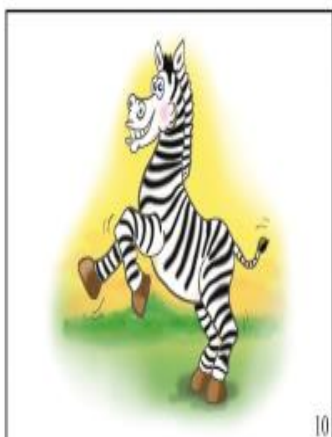
7. Feijão



8. Vaca



9. Sapo



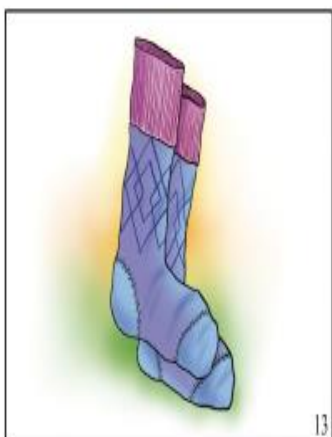
10.Zebra



11.Chave



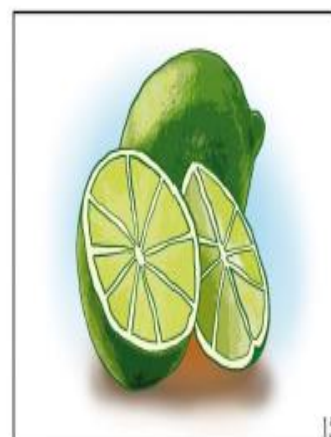
12.Jarra



13.Meia



14.Ninho



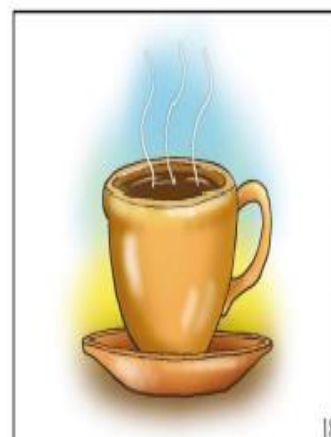
15.Limão



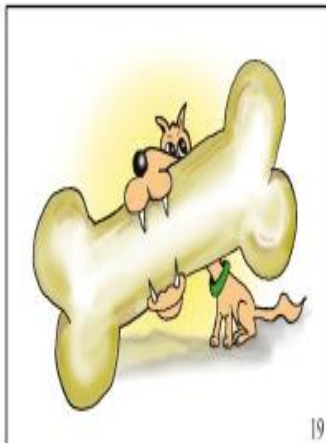
16.Rabo



17.Fogo



18.Café



19.Osso



20.Asa



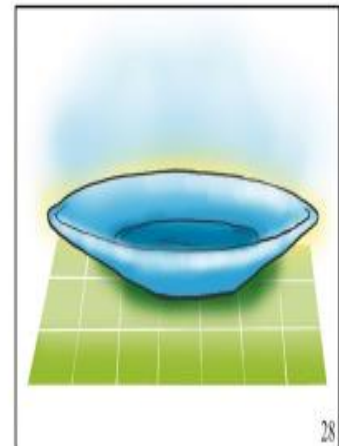
21.Lixo



22.Olho



23.Hora



24.Prato



25.Placa



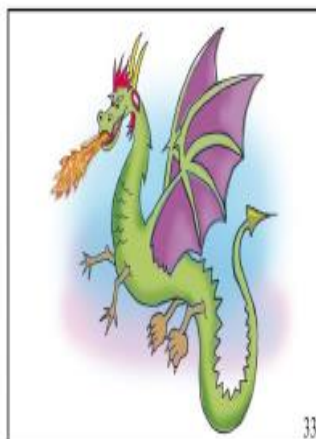
26.Bruxa



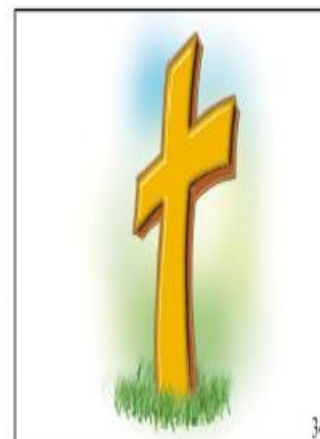
27.Blusa



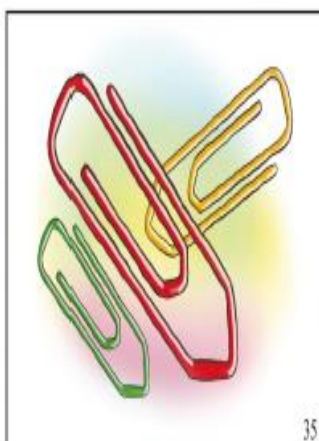
28. Trem



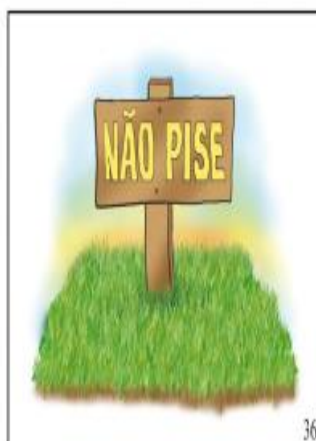
29. Dragão



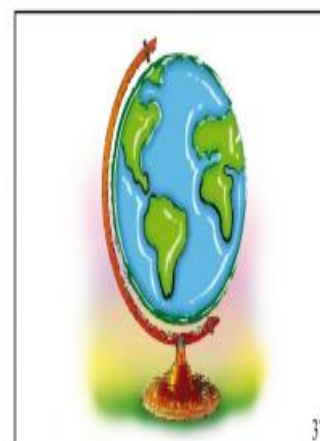
30. Cruz



31. Clips



32. Grama



33. Globo



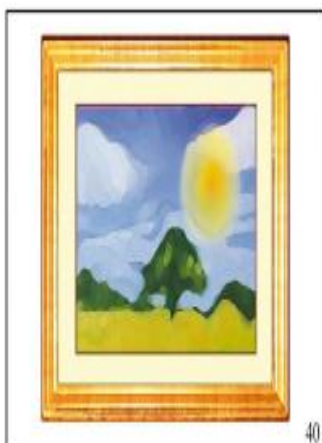
34. Fruta



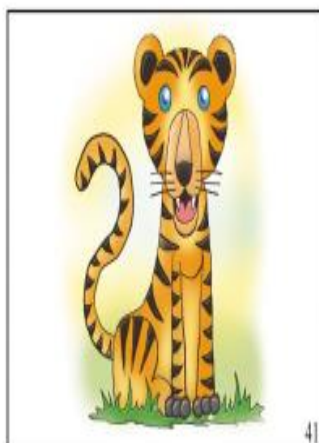
35. Flor



36. Quatro



37. Quadro



38. Tigre



39. Cofre



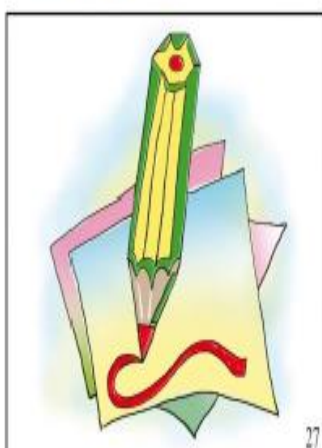
40. Livro



41. Garfo



42. Pasta



43. Lápis